



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/07/2015 a 16/07/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/07/2015	10,43	366,00	32,81	5,81	4,27
13/07/2015	10,45	368,00	32,65	5,86	4,33
14/07/2015	10,39	374,80	32,32	5,83	4,24
15/07/2015	10,25	362,20	31,65	5,74	4,29
16/07/2015	10,19	363,60	31,46	5,62	4,30
Média	10,34	366,92	32,18	5,77	4,29

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	71,70	1,70
RS - Santa Rosa	71,20	1,71
RS - Ijuí	71,20	1,71
PR - Cascavel	68,60	4,41
MT - Rondonópolis	61,45	0,49
MS - Ponta Porá	62,00	0,49
GO - Rio Verde (CIF)	63,24	0,22
BA - Barreiras (CIF)	64,85	0,15
MILHO		
Argentina (FOB)**	187,00	0,32
Paraguai (FOB)**	118,70	1,02
Paraguai (CIF)**	141,30	3,90
RS - Erechim	27,70	4,14
SC - Chapecó	27,43	3,31
PR - Cascavel	24,85	3,11
PR - Maringá	25,85	5,08
MT - Rondonópolis	19,25	3,22
MS - Dourados	21,60	4,60
SP - Mogiana	24,35	3,62
SP - Campinas (CIF)	27,02	3,33
GO - Goiânia	23,00	2,22
MG - Uberlândia	24,25	2,11
TRIGO		
RS - Carazinho	525,00	-10,26
RS - Santa Rosa	525,00	-10,26
PR - Maringá	700,00	0,00
PR - Cascavel	675,00	0,00

*Período entre 10/07/2015 a 16/07/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/07/2015

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	22,13	63,94	28,23

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/07/2015

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	32,96
Feijão (saco 60 Kg)	117,78
Sorgo (saco 60 Kg)	18,80
Suíno tipo carne (Kg vivo)	2,98
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,84
Boi gordo (Kg vivo)*	5,39

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

Com a melhoria do clima nos EUA, a vedete da semana junto à Bolsa de Chicago foi o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/07. Para surpresa da maioria dos especuladores na Bolsa, o referido relatório veio baixista para as cotações. Todavia, o mercado luta contra a realidade da safra e procura manter os preços artificialmente elevados. Com isso, o bushel de soja não recuou muito na semana, fechando esta quinta-feira (16) em US\$ 10,19, após US\$ 10,37 uma semana antes e US\$ 10,25 no dia 15/07 (lembrando que a partir desta última data o mês de agosto passou a ser o primeiro mês cotado).

O relatório do USDA indicou uma safra maior para os EUA, com um volume projetado agora de 105,7 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais para 2015/16 foram reduzidos para 11,6 milhões de toneladas. Para o ano anterior, os estoques finais foram revistos para 6,9 milhões de toneladas o que deu um pouco de suporte de curto prazo ao mercado. Nesse contexto, o preço médio projetado ao produtor estadunidense, no ano de 2015/16, subiu um pouco, ficando entre US\$ 8,50 e US\$ 10,00/bushel, indicando que as atuais cotações têm espaço para um recuo até importante em caso de colheita normal nos EUA (a partir de final de setembro). A média fica em US\$ 9,25/bushel, contra US\$ 10,05 em 2014/15 e US\$ 13,00/bushel em 2013/14.

Em termos mundiais, o relatório elevou a produção total para 318,9 milhões de toneladas, com um aumento de quase 1,5 milhão em relação a junho, enquanto reduziu para 91,8 milhões de toneladas os estoques finais mundiais para 2015/16. Uma redução de 1,4 milhão de toneladas em relação a junho, lembrando que em relação ao ano anterior os mesmos aumentam 10,1 milhões de toneladas. A produção brasileira e argentina foram mantidas respectivamente em 97 milhões e 57 milhões de toneladas, enquanto as importações chinesas ficaram em 77,5 milhões de toneladas, portanto, sem alterações.

Como o mercado está contestando parcialmente os números de safra do USDA, Chicago ainda se manteve aquecido, porém, com forte potencial de baixa futura caso o relatório do USDA, em 12 de agosto, não confirme a redução esperada na safra e nos estoques.

Por enquanto, a qualidade das lavouras está dentro da normalidade, com 62% entre boas a excelentes, 27% regulares e 11% entre ruins a muito ruins (dados de 12/07).

No curto prazo, também pesou para impedir novas altas em Chicago a firmeza do dólar diante da crise grega e chinesa. Todavia, com os acordos neste final de semana na Europa e a ação do governo chinês em sua economia, as tensões diminuiram e o câmbio deve retornar à normalidade no front externo.

Por sua vez, a Associação Norte-Americana dos Processadores de Óleos Vegetais (NOPA) informou que o esmagamento de soja atingiu 3,87 milhões de toneladas em junho, sendo recorde para o mês, embora menores do que os vistos em maio.

Pelo lado da demanda, a China teria comprado 24,7 milhões de toneladas de soja do Brasil no primeiro trimestre de 2015. Isso representou uma alta de 4% sobre o mesmo

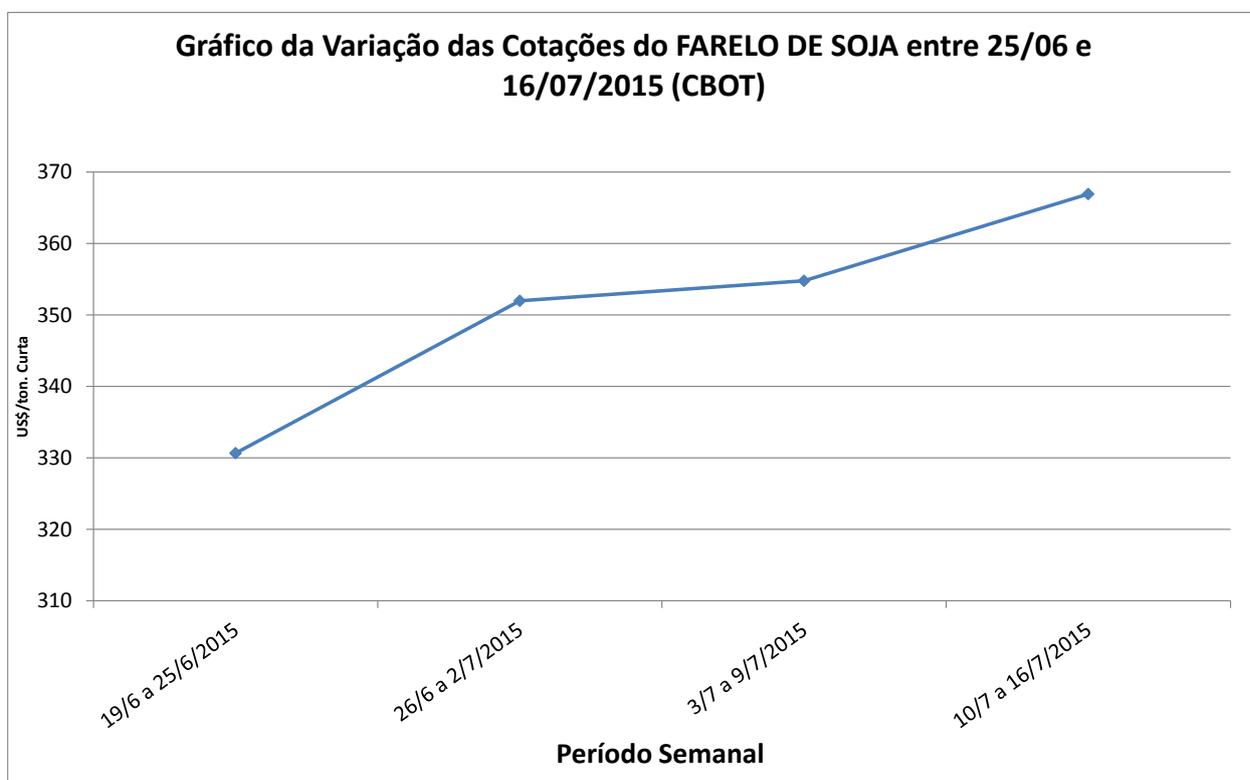
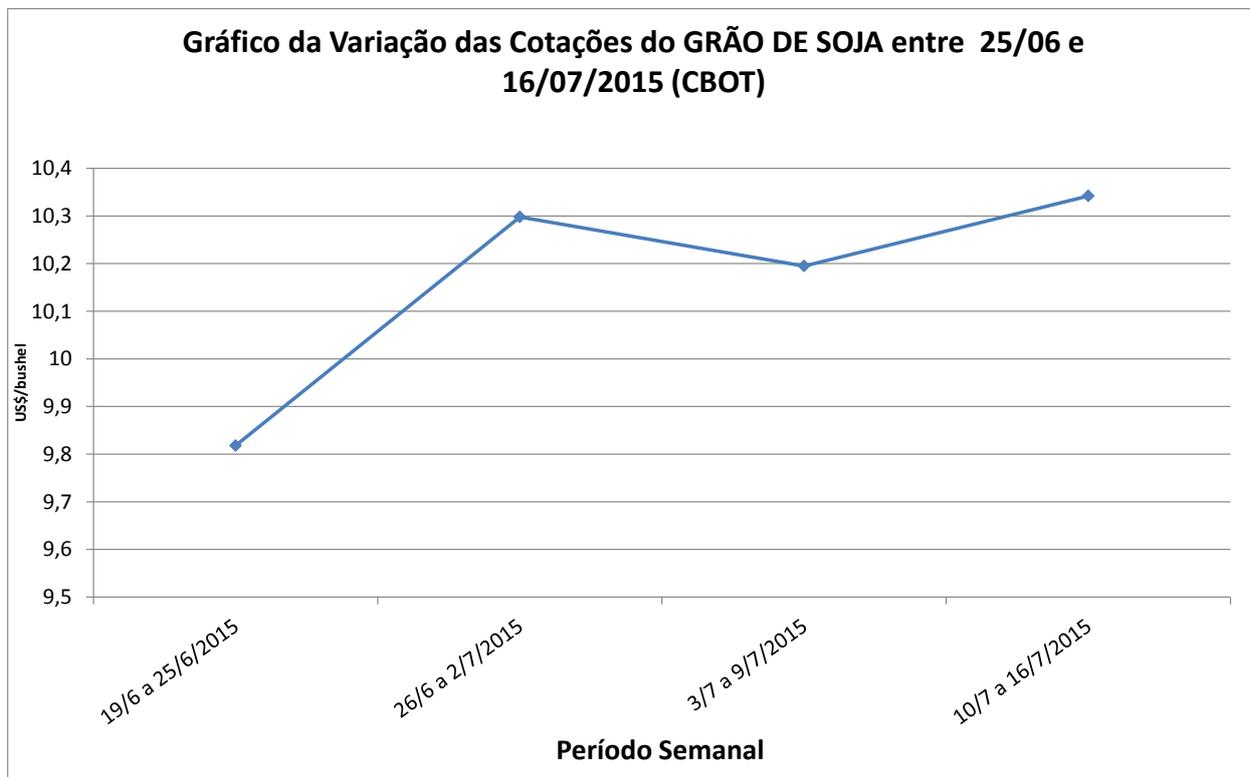
período do ano anterior. Já os embarques brasileiros de soja no primeiro semestre deste ano ficaram em 32,2 milhões de toneladas, ou seja, 1% acima dos registrados no ano passado no mesmo período.

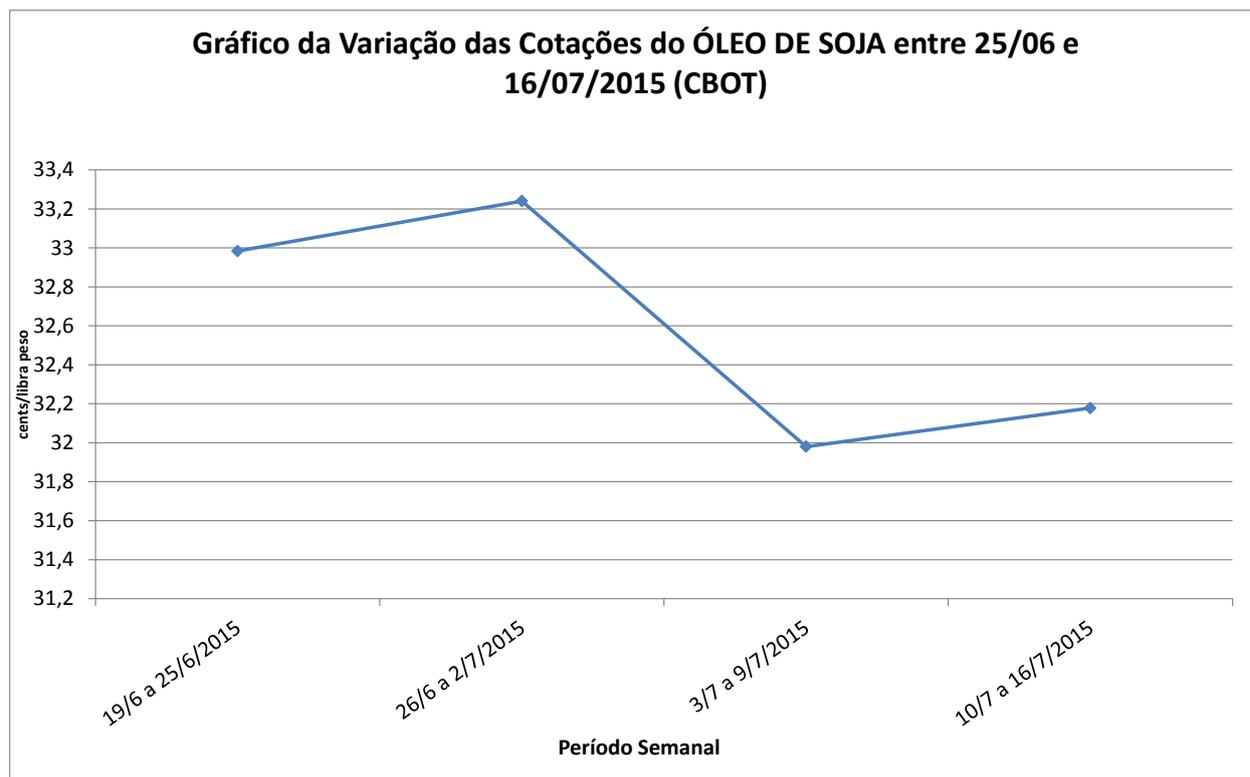
Quanto aos prêmios nos portos brasileiros, os mesmos terminaram a semana entre 59 e 91 centavos de dólar por bushel, para agosto. No Golfo do México (EUA), os mesmos ficaram entre 70 e 71 centavos. Já na Argentina, o porto de Rosário registrou 45 a 70 centavos de dólar por bushel.

No mercado brasileiro, os preços se mantiveram firmes, graças também a um câmbio que, mesmo recuando em relação a semana anterior, manteve o Real bem desvalorizado, terminando a semana ao redor de R\$ 3,13 por dólar. Assim, o preço médio no balcão gaúcho ficou em R\$ 63,94/saco, enquanto os lotes se estabilizaram entre R\$ 70,50 e R\$ 71,00/saco. Já nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 55,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 69,00/saco na região de Pato Branco (PR).

Quanto aos preços futuros, o mercado seguiu convidativo para vendas antecipadas em busca de uma média elevada para a próxima safra. O FOB interior gaúcho, para maio, ficou em R\$ 70,50/saco, enquanto no Paraná, o porto de Paranaguá, para março/abril se manteve em R\$ 73,50/saco. No Mato Grosso, para fevereiro/março o preço girou ao redor de R\$ 62,00/saco em Rondonópolis. Já no Mato Grosso do Sul, a região de Dourados igualmente fixou o mesmo preço para o período, enquanto em Goiás, a região de Rio Verde estabeleceu R\$ 63,00/saco. O entorno de Brasília ficou igualmente em R\$ 63,00/saco para abril. Enfim, na Bahia (Barreiras), Maranhão (Balsas), Piauí (Uruçuí) e Tocantins (Pedro Afonso) os valores, para maio, registraram respectivamente R\$ 65,00; R\$ 62,50; R\$ 63,50 e R\$ 61,00/saco. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 25/06 a 16/07/2015.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, igualmente pressionadas por forte especulação, continuaram subindo durante a semana, fechando o dia 16/07 em US\$ 4,30/bushel, após US\$ 4,21 uma semana antes. Assim como no caso da soja, não há elementos altistas que sustentem tamanho comportamento, particularmente porque a melhora do clima faz a polinização do cereal estadunidense caminhar muito bem. Entretanto, os números um pouco menores do relatório de oferta e demanda do USDA deram a sustentação necessária às cotações neste curto prazo.

Assim, a futura safra estadunidense, a ser colhida a partir de setembro, está agora projetada em 343,7 milhões de toneladas, com uma redução de 3,4 milhões em relação a junho. Já os estoques finais ficaram em 40,6 milhões de toneladas, perdendo 4,3 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao produtor dos EUA, para 2015/16, ficou entre US\$ 3,45 e US\$ 4,05/bushel, indicando que os atuais níveis em Chicago estão elevados e, igualmente, tendem a recuar em caso de colheita normal naquele país.

Em termos mundiais, o relatório apontou uma safra global de 987,1 milhões de toneladas (2,2 milhões a menos do que em junho), enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 189,9 milhões de toneladas, com cerca de 5 milhões a menos do que o indicado em junho. Mesmo assim, são estoques expressivos, pois para 2014/15 os mesmos estão indicados em 193,9 milhões e dois anos atrás em 174,7 milhões de toneladas. A produção brasileira de milho foi aumentada para 77 milhões de toneladas,

enquanto a da Argentina permaneceu em 25 milhões. O Brasil deverá exportar 23 milhões de toneladas em 2015/16 segundo o USDA.

Dito isso, o clima normalizou nos EUA e as lavouras se desenvolvem muito bem. No geral, tanto para a soja quanto para o milho o clima nos EUA está bom e o excesso de chuvas anterior não deve ter provocado grandes estragos. No caso da soja, houve tempo para replantio, inclusive.

Além disso, os preços de Chicago estariam desconsiderando a grande oferta sul-americana de milho, aumentada agora por uma safrinha brasileira que deverá atingir entre 56 e 57 milhões de toneladas e que está em plena colheita.

No curto prazo, as exportações semanais de milho, em 535.000 toneladas na semana anterior e um milhão de toneladas na última semana, deram um fôlego adicional aos preços. Mas, em não havendo ajustes para baixo no próximo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/08, a tendência é de as cotações do cereal recuarem em Chicago. Especialmente porque a polinização se dá em condições muito boas e as condições das lavouras chegam a 69% entre boas a excelentes até o dia 12/07.

Por sua vez, a Argentina liberou mais 7 milhões de toneladas de milho para exportação, após as 11,5 milhões liberadas ainda no ano passado. Essa pressão de oferta, somada a entrada brasileira no mercado exportador com maior ímpeto no segundo semestre, pode ajudar a frear as altas dos preços mundiais do cereal.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB de milho teve seu preço um pouco melhorado, passando a mesma para US\$ 187,00 e US\$ 120,00 respectivamente.

No mercado brasileiro, os preços médios gaúchos permaneceram estáveis, com o balcão fechando a semana em R\$ 22,13/saco. Já os lotes ficaram entre R\$ 27,00 e R\$ 28,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 15,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 28,00/saco nas regiões catarinenses de Videira e Campos Novos.

Na BM&F a evolução dos preços dependerá da composição entre o câmbio no Brasil e o comportamento das cotações em Chicago. As fortes chuvas em boa parte das regiões produtoras da safrinha, especialmente no Paraná, onde houve estragos importantes, atrasaram a colheita, porém, a oferta foi mantida pelo milho do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul particularmente.

Há possibilidades de o preço ceder mais um pouco nas semanas vindouros diante da pressão de colheita da safrinha e da fraca liquidez para exportação no momento. Nesse último caso, nos primeiros 15 dias de julho nossas vendas externas de milho somaram apenas 67.700 toneladas quando o mercado espera 2 milhões de toneladas no total mensal.

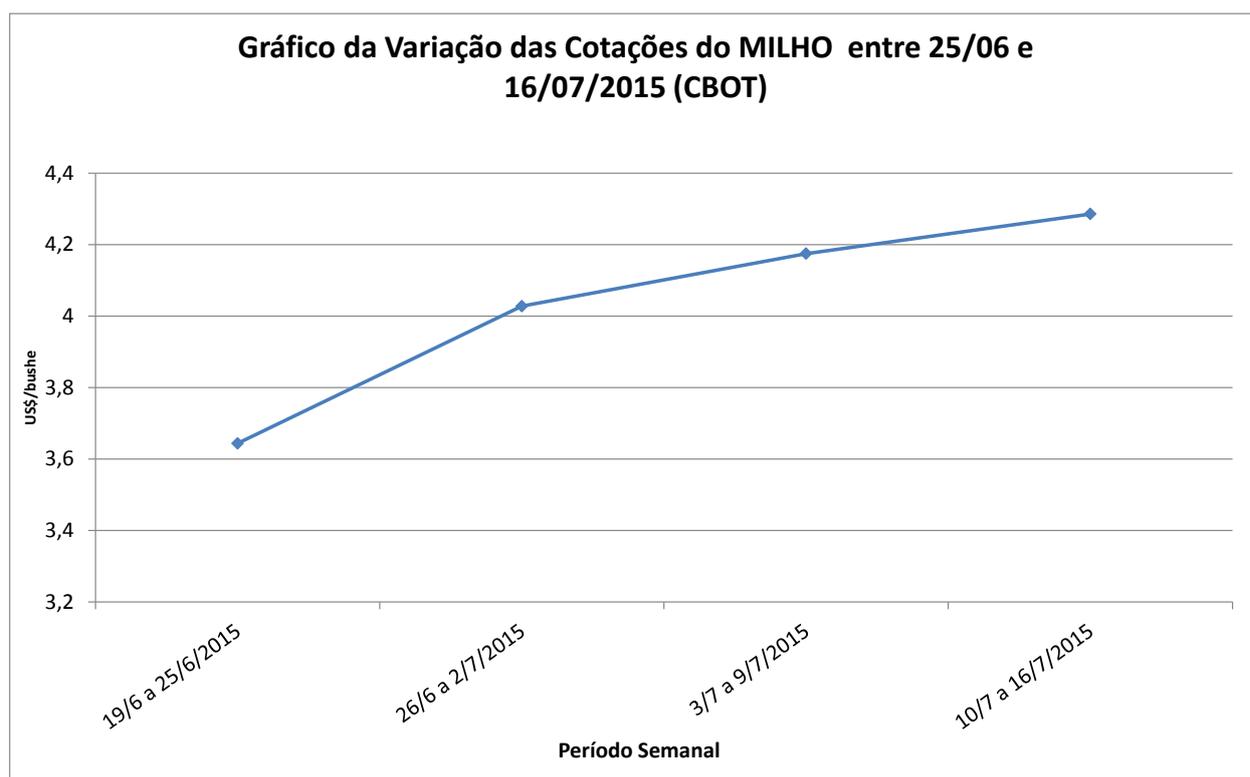
Assim, mesmo com a pressão altista do momento, há fatores de mercado que não podem ser ignorados apontando para um recuo nos preços. Além da colheita recorde total, que deve levar a produção final nacional para algo entre 81 e 83 milhões de toneladas (existem analistas apontando mesmo 85 milhões de toneladas), da forte safrinha que está sendo colhida, e dos baixos embarques na exportação até o

momento, deve somar a falta de logística para se absorver o volume de produção que vem entrando no mercado e que deverá ainda durar 70 dias. No Mato Grosso, por exemplo, há filas de caminhões nos armazéns para desembarque, enquanto o produto volta a ser estocado sob lonas, a céu aberto por falta de armazéns. (cf. Safras & Mercado)

No curto prazo, o ritmo da colheita em função do clima e a fixação de vendas por parte dos produtores é que deverão definir o comportamento dos preços do milho nacional.

A semana terminou com a importação, no CIF indústria brasileira, valendo R\$ 47,27/saco para o produto dos EUA e R\$ 44,49/saco para o produto da Argentina. Para agosto, o produto argentino ficou em R\$ 46,38/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá atingiu os seguintes valores: R\$ 30,63/saco para julho; R\$ 30,61 para agosto; R\$ 30,60 para setembro; R\$ 31,74 para outubro; R\$ 32,08 para novembro; R\$ 31,95 para dezembro; R\$ 33,03 para janeiro e R\$ 33,34/saco para fevereiro. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 25/06 a 16/07/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago cederam um pouco durante esta semana, fechando o dia 16/07 em US\$ 5,62/bushel, após US\$ 5,72 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA não trouxe grandes novidades para esse mercado. A produção dos EUA foi até aumentada, ficando agora em 58,5 milhões de toneladas na projeção (isso, apesar dos problemas climáticos que atingiram muitas lavouras locais), enquanto os estoques finais para 2015/16 chegaram a 22,9 milhões de toneladas, ganhando 800.000 toneladas em relação a junho. O preço médio ao produtor estadunidense, para o novo ano comercial, ficou entre US\$ 4,75 e US\$ 5,75/bushel, ganhando 35 centavos de dólar em relação a junho, contra US\$ 5,99 em 2014/15 e US\$ 6,87 em 2013/14. Tal indicativo de preço mostra que há um pequeno espaço para um recuo nas cotações atuais, embora possivelmente pouco expressivo.

Em termos mundiais, a produção total está agora estimada em 722 milhões de toneladas, sem grandes mudanças sobre o indicado em junho, enquanto os estoques finais mundiais, para 2015/16, foram aumentados para 219,8 milhões de toneladas, confirmando o viés baixista que esse mercado possui. Em 2014/15 os estoques finais ficariam em 212,1 milhões e dois anos atrás em 193,5 milhões de toneladas.

Dito isso, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 02/07, atingiram a 345.900 toneladas para o ano 2015/16 iniciado em 1º de junho. Enquanto isso, as inspeções de exportação chegaram a 249.787 toneladas na semana encerrada em 09/07, acumulando 1,86 milhão de toneladas, contra 2,72 milhões em igual período do ano anterior.

Ao mesmo tempo, até 12/07, a colheita do trigo de inverno nos EUA atingia a 65% da área, contra 68% na média histórica para a época. Já as lavouras de primavera apresentavam 71% entre boas a excelentes, 23% regulares e 6% entre ruins a muito ruins. No geral, a qualidade das mesmas melhorou um pouco em relação a semana anterior.

Nos portos do Mercosul a tonelada FOB de trigo manteve o preço das semanas anteriores. Na Argentina, a mesma oscilou entre US\$ 190,00 e US\$ 245,00, enquanto no Uruguai ficou entre US\$ 190,00 e US\$ 205,00, e no Paraguai entre US\$ 190,00 e US\$ 200,00.

No mercado brasileiro, os negócios continuam relativamente parados, com pouca liquidez e com os moinhos abastecidos. Esse fato provoca recuo nos preços médios. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 28,23/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 500,00/tonelada, ou seja, R\$ 30,00/saco. Já no Paraná os lotes giraram entre R\$ 650,00 e R\$ 680,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 39,00 e R\$ 40,80/saco.

O plantio, que atingia a 97% no Paraná e 80% no Rio Grande do Sul na semana passada, pouco evoluiu durante esta semana devido ao excesso de chuvas, inundações, granizo e temporais de diversas intensidades. Nesse sentido, muitas lavouras, especialmente no Paraná, tiveram sua qualidade totalmente comprometida. Esse fato deverá reduzir ainda mais a projeção de produção futura, assim como a

oferta de produto de qualidade no final do ano. Ou seja, o potencial de aumento de preços internos para o próximo ano subiu.

Enquanto isso, devido a alta externa e a um câmbio que se manteve ao redor de R\$ 3,13 por dólar, as importações igualmente avançam menos. Em junho, segundo a SECEX, o país importou 416.500 toneladas de trigo, contra 430.500 em maio. Mesmo assim, ficaram acima da média para o mês, que é de 409.400 toneladas. Cerca de 90% das mesmas procederam da Argentina, 9% do Paraguai e 27% do Uruguai. Nos últimos 12 meses encerrados em junho, a Argentina exportou 47,9% do trigo comprado pelo Brasil, enquanto os EUA ficaram com 32,3% e o Uruguai com 10,2%. O principal destino das importações nacionais foi São Paulo, com 21,3%, seguido da Bahia com 12,7%, Paraná com 11,9%, Pernambuco e Ceará com 12% cada um, e o Pará com 10%. (cf. Safras & Mercado)

A tendência, no curto e médio prazo, é de pouca movimentação nos preços nacionais na medida em que os moinhos, abastecidos, esperam a nova safra brasileira, a ser iniciada em setembro. Todavia, a mesma, além de menor, poderá vir com qualidade mais uma vez comprometida. Afora as intempéries já vividas nestas últimas semanas, os meteorologistas estariam indicando que o El Niño deste ano poderá ser o mais forte dos últimos 50 anos. Isso colocaria em xeque as lavouras tritícolas do sul do país, pelo excesso de chuvas, granizo e temporais decorrentes deste fenômeno.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 25/06 a 16/07/2015.

